

Os Bolseiros «Fulbright»

Onde é que isso foi? Terá sido na Strand? Uma exposição de acontecimentos recentes, com fotografias.

Por alguma razão reparei nela.

Uma fotografia tirada naquele ano com os bolseiros «Fulbright». Mesmo a chegar — ou já chegados. Ou só alguns deles.

Será que estavas lá no meio? Examinei-a, sem grande minúcia, imaginando qual deles podia vir a encontrar.

Lembro-me desse pensamento. Não da tua cara. Dei sem dúvida particular atenção às raparigas. Talvez tenha reparado em ti.

Talvez te tenha avaliado, achando-te improvável.

Prestei atenção ao teu cabelo comprido, levemente ondulado — à tua franja à Veronica Lake. Não ao que ela escondia.

Parecias loura. E o teu sorriso.

O exagero do teu sorriso americano frente às câmaras, aos juízes, aos estranhos, aos que metem medo.

Depois esqueci-me. Ainda assim lembro-me bem da fotografia: Os bolseiros «Fulbright».

Tinham bagagem? É pouco provável.

Teriam vindo em equipa? Eu caminhava com os pés doridos, debaixo de um sol escaldante, em passeios escaldantes.

Foi então que comprei um pêssago? — Lembro-me que foi assim. Numa tenda perto da estação de Charing Cross.

Era a primeira vez que saboreava um pêssago acabado de colher. Nem podia acreditar como era delicioso.

Aos vinte e cinco anos estava de novo pasmado com a minha ignorância das coisas mais simples.

Cariátides (1)

Que sustentavam aquelas cariátides?
Foi o teu primeiro poema que vi.
Foi o único poema que escreveste
de que não gostei, lendo-o como um estranho.
Parecia-me frouxo e superficial, de versos frios.
Como o teorema de uma armadilha, uma cilada mortal — planeada.
Vi isso. E a armadilha engatilhada, vazia.
Não me interessou. Nem um estremecimento
de presságio. Naquele tempo eu forçava
a certeza oracular
a tornar favoráveis todos os sinais
e foi por isso que perdi tudo
nos rostos brancos, rígidos, vendados
dessas mulheres. Sentia-lhes a fragilidade, é verdade:
alumínio friável, queimado.
Frágil, como o quebra-luz de um candeeiro a gás.
Mas não soube que fazer
com aquele maciço céu de granito, sem estrelas, e em queda,
suspense, como num instantâneo, nos ares
e que caía.

Caryatids (2)

Stupid with confidence, in the playclothes
Of still growing, still reclining
In the cushioned palanquin,
The nursery care of nature's leisurely lift
Towards her fullness, we were careless
Of grave life, three of us, four, five, six —
Playing at friendship. Time in plenty
To test every role — for laughs,
For the experiment, lending our hours
To perversities of impulse, charade-like
Improvisations of the inane,
Like prisoners, our real life
Perforce deferred, with the real
World and self. So, playing at students, we filled
And drunkenly drained, filled and again drained
A boredom, a cornucopia
Of airy emptiness, of the brown
And the yellow ale, of makings and unmakings —
Godlike, as frivolous as faithless,
A dramaturgy of whim.
That was our education. The world
Crossed the wet courts, on Sunday, politely,
In tourists' tentative shoes.
All roads lay too open, opened too deeply
Every degree of the compass.
Here at the centre of the web, at the crossroads,
You published your poem
About Caryatids. We had heard

Cariátides (2)

Estupidificados pelo excesso de confiança, com as roupas descuidadas
de quem está ainda a crescer, encostados ainda no palaquim almofadado,
o cuidado maternal da natureza ociosa impelia-nos para a sua plenitude, vivíamos despreocupados da vida séria, três de nós, quatro, cinco, seis —
A brincar às amizades. Com imenso tempo para encenar todos os papéis — para nos rirmos, para fazer experiências, pondo o nosso tempo à disposição da perversidade dos primeiros impulsos, charadas de improvisações idiotas,
como os prisioneiros, a nossa vida real forçada ao adiamento, entre a realidade do mundo e do eu. E, a brincar aos estudantes, enchíamos e esvaziávamos copos como fazem os bêbedos, enchíamos, e de novo esvaziávamos
o tédio, a cornucópia da abundância do nada, de cerveja branca e preta, de um fazer e desfazer de coisas — iguais aos deuses, frívolos e sem fé, numa dramaturgia dos caprichos.
Era essa a nossa educação. O mundo atravessava os relvados, aos domingos, educadamente, com sapatos próprios para andar à descoberta como os que os turistas usam.
Todos os caminhos demasiado abertos, abriram de mais os graus do compasso.
Aqui no centro da teia, na encruzilhada, publicaste o teu poema sobre as Cariátides. Tínhamos ouvido falar